

O BERÇO DA EDUCAÇÃO FORMAL EM ANGOLA: CIDADE DE MBANZA KONGO, PATRIMÓNIO MUNDIAL. REFLEXOS DA COOPERAÇÃO DO ANTIGO REINO DO KONGO COM PORTUGAL. DESBRAVANDO O PATRIMÓNIO IMATERIAL

André Vela Ngaba¹

ABSTRACT: The city of Mbanza Kongo, located in the province of Zaire, Angola, is the former capital of the ancient Kongo Kingdom. Founded by Nimi-a-Lukeni in the 14th century, it was one of the most powerful kingdoms in Africa, with a social, religious, economic, and military organization recognized worldwide. It boasts a tangible historical heritage that was recognized by UNESCO as a World Heritage Site on July 12, 2017. This article, based on a bibliographic review, demonstrates that Mbanza Kongo is not only rich in tangible historical remains but also possesses a valuable intangible legacy. It explains that the history of the beginning of formal education in Mbanza Kongo in the 15th century is an intangible historical heritage of considerable value, alongside the tangible heritage, as Mbanza Kongo was the first region (kingdom) of those comprising Angola to have a modern formal education system, the result of cooperation with Europeans.

Keywords: Birthplace of formal education. Intangible heritage. Mbanza Kongo-Angola.

RESUMO: A cidade de Mbanza Kongo, situada na província do Zaire, em Angola, é a antiga capital do antigo Reino Kongo. Fundado por Nimi-a-Lukeni no Século XIV, foi um dos reinos mais poderosos de África com uma organização social, religiosa, econômica e militar reconhecida mundialmente. Dispõe de um espólio histórico material que foi reconhecido pela UNESCO como património mundial, a 12 de julho de 2017. Este artigo, fruto do método de revisão bibliográfica, demonstra que Mbanza Kongo não só é rica em vestígios históricos materiais, mas também possui um legado imaterial digno de valor, a par daquele. Explana que a história do início da educação formal em Mbanza kongo, no Século XV, é um espólio histórico imaterial de relevo valor, a par do material, por Mbanza Kongo ter sido a primeira região (reino), das que compõem Angola, a ter um sistema de ensino formal moderno, fruto da cooperação com os europeus.

Palavras-chave: Berço da educação formal. Património imaterial. Mbanza Kongo-Angola.

¹ Mestrado em Teologia Sistemática; doutorado em Ciências da Educação; Sacerdote da Diocese de Mbanza Kongo, Angola; Docente da Escola Superior de Ciências Sociais, Artes e Humanidades (ESCISAH) - Mbanza Kongo, Angola - Universidade Católica Portuguesa, Campus do Porto.

INTRODUÇÃO

Hoje o centro histórico da cidade de Mbanza Kongo, Angola, é património mundial. Mbanza Kongo é a antiga capital do Reino do Kongo. Este foi um dos reinos mais poderosos de África, quiçá, do mundo. Fundado pelo Rei Nimi-a-Lukeni por volta do Século XIV, se estendia da região norte de Angola, passando pelo actual Congo Democrático, Congo Brazaville, até ao centro sul da República do Gabão. Em Angola abrangia principalmente as actuais regiões das províncias do Zaire, Uíge e Cabinda. Pelo seu valor mundialmente reconhecido, os vestígios históricos da cidade de Mbanza Kongo, tais como as ruínas da antiga Sé Catedral - Kulumbimbi², o Cemitério dos reis, a árvore milenar e mitológica “Yala NKuwu”³, o antigo palácio do rei, transformado agora em museu do Kongo, o Tribunal Tradicional “Lumbu”, o Sungilu, o Tadi dya Bukikwa, entre outros, foram classificados pela UNESCO, a 12 de julho de 2017, durante a 41.ª Sessão do Comité do Património Mundial, através da decisão 41 COM8B.10, na base dos critérios 3 e 4, como Património mundial. A tese dessa classificação sustentou-se nos vestígios edificados, naturais e culturais que retratam o valor universal e excepcional do passado do Reino do Kongo, em Mbanza Kongo (UNESCO e COM, 2017).

Sob o lema “Mbanza Kongo, cidade a desenterrar”, ainda decorre nesta região um trabalho arqueológico que visa trazer à público mais vestígios significativos, com a finalidade de elevá-la, na sua totalidade, à património mundial. Em paralelo, decorre também um trabalho de divulgação do espólio histórico, material e imaterial de Mbanza Kongo. Nesse âmbito, é importante realçar que esses vestígios históricos carregam consigo simbolismos, crenças e sacralidades que não só lhes confere um valor singular, mas também tornam singular a própria cidade de Mbanza Kongo e o povo Kongo, em si. Ou melhor, a antiga região do Reino do Kongo possui uma história milenar e rica de simbolismos, crenças e sacralidades (Máximo, 2016; Avelino, 2025). Essa história, embora careça de devidos reconhecimentos, é o verdadeiro património imaterial do povo Kongo e, por conseguinte, de Angola, Congo Democrático, Congo Brazaville e Gabão, antigas regiões do Reino do Kongo. Daí a importância de não só desenterrarmos os seus vestígios históricos materiais, mas também os imateriais: sobretudo, a sua história e sacralidade.

² Tratam-se das ruínas da Sé Catedral da antiga Diocese do Congo-Angola, a mais antiga da África Subsaariana. Recorde-se também que esta Diocese é também a mais antiga da África Subsaariana.

³ Trata-se da árvore onde os reis do Kongo recebiam as suas visitas oficiais e conduziam reuniões importantes.

Nós podemos explicar a história de um povo sob duas perspectivas ou abordagens: a sincrónica (se concentrando em um determinado período de tempo, movido, às vezes, por um espírito etnocentrista) e a diacrónica (que se concentra na análise e evolução histórica, ou seja, na semântica, própria do ser humano). Neste artigo fomos influenciados pela perspectiva diacrónica, admitindo como algo benéfico o encontro do Kongo com outras culturas, como uma forma de se entender o presente e projectar o futuro da cultura Kongo no mundo. Temos como objetivo apresentar e debater a história do início da educação formal em Mbanza Kongo. Partimos do pressuposto de que o início da educação formal nessa região constituiu-se em uma alavanca para o Reino do Kongo, tendo contribuído para o seu desenvolvimento sócio-econômico, político e religioso.

Este artigo é de âmbito descritivo, cujo método investigativo é de revisão literária. As fontes bibliográficas aí usadas são secundárias⁴. Não se trata de um simples trabalho de actualização do estado da arte do tema. O seu maior mérito reside no facto de descrever, de forma sistemática e inédita, a história do início da educação formal em Angola, o seu simbolismo ou sacralidade no povo Kongo, e o seu papel no desenvolvimento do antigo Reino do Kongo. Quanto a ortografia, usou-se o português da versão de Angola, já que, até a data presente, Angola ainda não ratificou o novo acordo ortográfico de língua portuguesa.

O corpo desse artigo científico está dividido em cinco partes: definição do conceito de educação formal, os primeiros passos para a sua implantação em Mbanza Kongo (Angola), o papel dos reis Nzinga-a-Nkuvu e Mvemba-Nzinga na promoção do ensino formal no antigo reino do Kongo, o papel dos missionários nessa missão, o tipo de educação formal por eles desenvolvida e, por fim, vantagens da cooperação educacional entre o antigo Reino do Kongo e Portugal no desenvolvimento dessa região e, por conseguinte, de Angola.

Conceitos de educação formal, educação não-formal e educação informal

Embora autores como Braz (2019) defendam que não é prudente fazer esta distinção, alegando que ela pode fazer parecer uma supra valorização da educação formal em detrimento das outras, nós continuamos a defender que o distinguível convém que se distinga. Contudo, realçamos aqui que não é nossa intenção supervalorizar uma educação em detrimento de outras,

⁴ Para Duffy (2004), as fontes escritas secundárias são interpretações de eventos baseados em fontes primárias. Por sua vez, as fontes primárias são os documentos que foram produzidos durante o período a ser investigado e no decorrer do evento a ser investigado.

até porque elas, embora sejam diferentes e actuem em campos diferentes, complementam-se mutuamente⁵.

Entende-se como educação formal a educação sistemática que geralmente decorre em instituições escolares de um sistema educativo nacional e constitui-se em uma série de níveis e especializações progressivas. Abrange desde o primeiro grau de ensino primário até ao último do curso superior ou universitário. Cada um dos seus níveis acarreta seu tipo de dificuldades e a passagem de um nível ao outro é garantida pelo sucesso individual e temporalizado do aluno (Ngaba, 2012, p. 40).

A educação não-formal é a genérica e prática que cobre toda a actividade educativa organizada fora do sistema educativo formal. Administra determinados tipos de aprendizagens a subgrupos concretos da população. É muito usada nas capacitações profissionais ou na formação contínua dos profissionais. Ela é organizada de maneira temporariamente curta. Tem muito a ver com as formações de curta duração (Ngaba, 2012, p. 40). Citando Coombs, Ngaba (2012, p. 41) diz que a maior diferença entre educação formal e a não-formal consiste no facto de as actividades daquela serem um autêntico sistema; enquanto que as actividades desta são geralmente independentes umas das outras, não se constituindo em um sistema.

Por sua vez, entende-se como educação informal o processo pessoal de obtenção de conhecimentos ou competências que decorre no dia-a-dia, fora dos contextos institucionais de ensino-aprendizagem. Ela decorre ao longo da vida, na relação de cada um com o meio que o circunda ou nas suas experiências quotidianas. Ela assenta principalmente numa aprendizagem espontânea, que se processa todos os dias, em todos os lugares (Coombs, 1985, pp. 47-133; Ngaba, 2012, p. 41).

Neste artigo, o nosso olhar está na educação formal protagonizada em Mbanza Kongo. Cremos nós que, tendo em conta a organização do antigo Reino do Kongo, este, antes do contacto com os europeus, já possuía a educação informal, própria de um povo, e a educação não-formal que, certamente, abrangia o exército e outros sectores vitais da sua sociedade.

⁵ Sobre a educação formal, não-formal e a informal, Coombs (1985) afirma que juntos constituem uma completa rede de aprendizagem ao longo de toda a vida desde a fase de criança até a fase adulta.

Os primeiros passos da educação formal em mbanza kongo: de primeiros instruídos, cristãos e embaixadores, à primeiros mestres konguenses da educação formal em mbanza kongo

Não podemos falar dos primórdios da educação formal em Angola ou na região Kongo, sem termos como ponto de partida a cidade de Mbanza Kongo, antiga capital do Reino do Kongo. Também não podemos falar dela, sem termos como ponto de referência a missão evangelizadora da Igreja Católica em Angola ou na região Kongo (Ngaba, 2012, p. 117).

Autores como Zau (2000) e Ngaba (2012; 2017), entre outros, colocam a viagem de quatro konguenses à Portugal, autorizados pelo então Rei do Kongo Nzinga-a-Nkuvu, na primeira expedição de exploração de Diogo Cão ao Kongo. Segundo estes autores, Diogo Cão, na sua primeira viagem ao Kongo (1482-1484), ao regressar a Portugal levou consigo quatro jovens de Mbanza Kongo, que chegados a Portugal, nas mãos dos Padres Loios foram instruídos e batizados. Estes teriam sido os primeiros nativos do Kongo a se beneficiarem da educação formal e a serem cristãos.

Por sua vez, Gabriel (1978, p. 55) fala de duas expedições de jovens Konguenses a Portugal. A primeira terá acontecido em 1482, ano em que Diogo Cão chegou a foz do rio Zaire, no Soyo, uma das províncias do Reino do Kongo. Terá mandado emissários ao Rei do Kongo que se encontrava em Mbanza Kongo, a Capital do Reino, enquanto ele seguia viagem até ao Cabo de Santa Maria. De regresso ao Soyo, não tendo encontrado os seus emissários que ainda não tinha voltado de Mbanza Kongo, levou consigo, de regresso a Portugal, quatro jovens do Soyo, com a promessa de que ao Soyo voltariam em breve. Em Portugal, recebidos com euforia, estes jovens foram formados na religião cristã e batizados. Um desses jovens se chamava Cassuta. Regressados ao Soyo, com Diogo Cão chefiando a comitiva, partiram para Mbanza Kongo onde foram recebidos pelo Rei Nzinga-a-Nkuvu (Gabriel, 1978, p. 58).

Cumprido todo o ritual de cortesia, segundo Gabriel (1978, p. 58), Diogo Cão regressou ao Soyo a fim de partir novamente para Portugal. Contudo, Nzinga-a-Nkuvu, através de Diogo Cão, enviou uma embaixada ao seu homólogo de Portugal, Dom João II. Chefiada pelo já conhecido em Portugal, o jovem Cassuta, essa embaixada era composta por vários jovens Konguenses. Iam à Portugal para que fossem instruídos a fim de que, regressados ao Kongo, fossem guias e mestres de outros konguenses. Também Nzinga-a-Nkuvu pediu a Dom João II que lhe enviasse mestres de vários ofícios (entre os quais, pedreiros, ferreiros e carpinteiros) e

missionários, para a construção civil, instrução e evangelização do povo Kongo, respectivamente.

Que tenha havido apenas uma única expedição de jovens konguenses à Portugal como defendem Zau (2000) e Ngaba (2012; 2017) ou tenham havido duas expedições como defende Gabriel (1978), todos os autores convergem, pelo menos, quando falam sobre uma das finalidades das expedições desses Konguenses à Portugal: serem instruídos academicamente para que se tornassem mestres; e cristãmente para que recebessem o baptismo. Muitos desses jovens chegaram à Portugal em 1489. E, depois de instruídos e baptizados, regressaram a Mbanza kongo em 1491 (Gabriel, 1978, p. 56). Com eles, chegaram também a Mbanza Kongo alguns mestres de vários ofícios, tal como o Rei pretendia. Estes jovens foram:

1. Os primeiros instruídos: os primeiros Konguenses a receberem a educação formal: embora não haja dados concretos de como era tal educação, certo é que foram educados em instituições escolares formais, tendo aprendido, pelo menos, a língua portuguesa, noções de matemática e, certamente, o latim.
2. Os primeiros cristãos Konguenses: antes mesmo que houvesse baptismos no Kongo, e os reis fossem baptizados, estes jovens receberam a catequese e foram baptizados em Portugal, tornando-se nos primeiros cristãos do Kongo.
3. Os primeiros embaixadores do Kongo: serviram de ponte de contacto entre os reinos do Kongo e de Portugal, encarregaram-se, sobretudo, de criar uma boa impressão do Rei Nzinga-a-Nkuvu sobre o seu homólogo português e vice-versa, facto que fez com que os dois monarcas estabelecessem relações duradouras de amizade e confiança⁶;
4. Os primeiros mestres e evangelizadores Konguenses: estes jovens tornaram-se nos primeiros mestres konguenses das primeiras escolas modernas de Mbanza Kongo, por conseguinte, de todo o Reino do Kongo⁷. Estes ajudaram a construir o Kongo moderno e desenvolveram a educação formal no Kongo. Foram também os primeiros evangelizadores konguenses e ajudaram a implantar a religião cristã na região.

⁶ Diz Gabriel (1978, p. 55-56) que “recebidos festivamente no Sonyo [Soio], os congueses recém-chegados narram aos seus compatriotas o poder e as riquezas do rei de Portugal, a quem chamavam o «senhor do mundo», e partem para Banza Congo, capital do reino com a comitiva de Diogo Cão. Foram recebidos no meio do maior entusiasmo e não se cansavam de repetir ao monarca e à enorme multidão quanto tinham visto em Portugal.”

⁷ Ainda Gabriel (1978, p. 56) diz que “O rei da terra [Kongo] enviou com Diogo Cão uma embaixada a Dom João II, chefiada pelo Cassuta, da qual faziam parte vários jovens congueses que iam a Portugal para se instruir e baptizar. No regresso, seriam guias e mestres dos seus compatriotas.”

Abria-se assim um novo capítulo na história do Reino do Kongo, o capítulo que o levaria aos patamares de outros reinos, sobretudo europeus.

Os promotores reais das primeiras escolas formais em mbanza kongo: nzinga-a-nkuvu e mvemba-nzinga

O Rei Nzinga-a-Nkuvu, o João, nome do baptismo, em um dos seus primeiros contactos com os portugueses, entusiasmado com os relatos positivos que ouvira sobre Portugal, ao decidir enviar àquela terra um grupo de jovens para serem instruídos e, regressados ao Kongo, para serem guias e mestres de outros Konguenses; e ao fazer pedidos ao seu homólogo Dom João II para o envio ao Kongo, entre outros, de mestres de pedreiro e carpinteiros, não só para construção de infraestruturas, sobretudo as igrejas, mas também para instruírem o povo Konguense nesses ofícios (Gabriel, 1978, p. 56), demonstrara a grandeza da sua visão e o seu amor a promoção do ensino formal no seu reino, sobretudo, como uma estratégia de desenvolvimento sócio-econômico e político, num modelo europeu.

Nzinga-a-Nkuvu quisera reestruturar o seu reino, equiparando-o com os reinos ou Estados europeus. Foi sobre os seus auspícios que se abriu a primeira escola formal em Mbanza Kongo no ano de 1491 (Gabriel, 1978, p. 57). Depois seguiram-se outras, de diferentes tipos. Esse Rei terá vivido até bem próximo de 1506, ano em que o seu filho primogénito Mvemba-Nzinga, o Dom Afonso I, nome de baptismo, ascende ao trono. Neste quesito, Mvemba-Nzinga seguiu as pegadas do pai. Escreve Gabriel (1991, p. 38) que:

No desejo de dar ao seu reino uma organização semelhante à dos Estados europeus, pediu a Dom Manuel [rei de Portugal] que lhe enviasse pessoas hábeis para o orientar. E foi isto que este fez com a embaixada de Simão da Silva.⁸

Imbuído neste espírito, Mvemba-Nzinga teve como uma das grandes preocupações a educação formal do seu povo. A exemplo do pai, enviou para Portugal vários jovens, entre seus familiares e não só, para aí serem educados ou instruídos. Saccardo (1982, p. 26) afirma que:

Dom Afonso [o Rei Mvemba-Nzinga] enviou seu filho D. Henrique, juntamente com muitos outros jovens, seus parentes e filhos de nobres, para serem educados em Portugal. Essas expedições de jovens se repetiram com frequência nos anos seguintes, com o objetivo de formar uma elite culta e bem informada na fé, para a almejada transformação do Congo.

⁸ Simão da Silva foi ao Kongo, a mando de Dom Manuel nas funções de assistente e orientador do Rei Dom Afonso. Realçar que este assistente teria falecido a caminho de Mbanza Kongo, a capital do reino (Gabriel, 1978, p. 58). Contudo, ele é sinal vivo da assistência portuguesa da qual se beneficiou Mvemba-Nzinga.

O mesmo Rei frequentemente pedira o envio ao Kongo de padres e professores para educação ou instrução do seu povo. Mandou preparar uma comunidade estudantil, ou seja, fundou um lar (uma casa de acolhimento) para albergar 400 rapazes estudantes em Mbanza Kongo. Fundou também lares femininos para o mesmo efeito. Promoveu a educação, sem discriminação de sexo. Tinha professores vindos de Portugal e outros nativos konguenses (Gabriel, 1991, p. 37). Muito se empenhou para que os seus súbditos aprendessem as letras e diversas artes (Gabriel, 1978, p. 59). Em algumas ocasiões ficou triste com o insucesso dos estudantes konguenses, principalmente, dos enviados para estudos a Portugal (Gabriel, 1991, p. 38). Escreve Gabriel (1978, p. 60) que:

Lamentava-se a Dom Manuel [Rei de Portugal] de que os jovens que mandara para Portugal não aproveitassem tanto como deviam nos seus estudos, pois não os tinha mandado senão para que pudessem servir de guias aos seus irmãos [no Kongo].

Uma carta do Padre Rui Aguiar a qual Gabriel (1978, p. 61) teve acesso dizia:

[...] Dom Afonso [o Mvemba-Nzinga] tinha espalhado pelo seu reino muitos homens cristãos que ensinavam as letras e a religião ao povo [...] sabia melhor os profetas e os evangelhos e todas as vidas de santos [...] e que não fazia outra coisa senão estudar.

Mvemba-Nzinga reinou de 1506 a 1542 ou 1543 (Gabriel, 1978; Saccardo, 1982). Durante o seu reinado a educação ou a instrução difundiu-se largamente no Reino do Kongo, sobretudo em Mbanza Kongo, a capital. Santos descreve assim esse alargamento:

Em 1514 frequentavam as aulas cerca de quatro centenas de jovens, filhos das principais famílias, tendo sido construída uma vedação que impedia que saíssem do recinto escolar e se dispersassem. Havia vários núcleos estudantis espalhados pelo território subordinado ao rei do Congo, alguns deles a muitas dezenas de quilómetros da costa ou da cidade de São Salvador (Santos, 1998, p. 15).

Em 1889, Mvemba-Nzinga foi considerado um homem génio e herói pelo padre Barroso, fruto da sua astúcia, entre outras, na promoção da educação formal e da religião cristã no seio do seu povo (Gabriel, 1978, p. 61; Máximo, 2016, p. 76). Para Saccardo (1982, p. 25), o Rei Mvemba-Nzinga transformou o seu povo de tal forma que, passados séculos, permanece vivo na memória dos konguenses, como nenhum outro rei. A sua acção não se confinou ao Reino do Kongo. Na promoção da educação formal, Mvemba-Nzinga, segundo Gabriel (1978, p. 67), terá mediado os primeiros contactos entre o Reino Ngola do Dongo e o de Portugal de Dom Manuel I, já em 1519. Ngola do Dongo, através de Mvemba-Nzinga, pedia à Portugal o envio de homens e sacerdotes para que, a exemplo do Kongo, implantassem o cristianismo e o comércio no seu

território. Abria-se caminho a extensão da presença portuguesa nessas terras e aquilo que mais tarde se veio chamar território de Angola, em geral.

O papel dos primeiros missionários na promoção da educação formal em mbanza kongo

Os laços de cooperação que existiam entre D. João II (Rei de Portugal) e Nzinga-a-Nkuvu (Rei do Kongo) cingiam-se, sobretudo, entre outros, no ensinar a ler e a escrever (Ngaba, 2012, p. 117). Nessa cooperação, devemos ter em conta dois factos dignos de realce: por um lado, os primeiros jovens Konguenses chegados a Portugal para a instrução, que regressaram ao Kongo como mestres de letras (ou seja, como professores); por outro, os missionários chegados a Mbanza Kongo, não só como evangelizadores, também como mestres de letras, de pedreira, de ferragem e carpintaria para a construção de infraestruturas e instrução do povo Kongo, e destes se destacam os missionários loios, dominicanos, franciscanos e, em seguida, os jesuítas. A fusão dessas duas forças na educação formal no Kongo, sob o auge de Nzinga-a-Nkuvu, marca o período considerado por Zau como a primeira fase da história do ensino em Angola. Contudo, a fase do auge de Mvemba-Nzinga, é apontada por Zau como apenas o princípio do mais brilhante período cultural do Kongo (Zau, 2000, pp. 73-74).

Os jovens enviados em massa à Portugal, tanto por Nzinga-a-Nkuvu, como por Mvemba-Nzinga, eram acolhidos, principalmente, nas comunidades dos missionários loios e, na sua maioria, receberam a formação nessas mesmas comunidades (Gabriel, 1978, p. 96). São os mesmos missionários que fundaram escolas primárias elementares, escolas de gramática e escolas-oficinas em Mbanza Kongo. Nessas escolas eram ministradas lições de português, latim e matemática. Em 1514, Mbanza Kongo já tinha várias escolas primárias fundadas por esses missionários (Ngaba, 2012, p. 118). Esses construíram-nas, geriram-nas e, auxiliados por mestres konguenses, foram professores e mestres nessas escolas.

Na sequência da obra de Nzinga-a-Nkuvu e Mvemba-Nzinga, já no auge de Dom Diogo I, chegaram a Mbanza Kongo os primeiros missionários jesuítas em 1548, com a missão de aí fundarem um Colégio. Devido à várias dificuldades, o referido colégio só se materializou em 1625. Segundo Gabriel (1978, pp. 99-101), o referido Colégio prestou grandes serviços à população do Kongo, tendo formado muitos jovens. Também foi promotor da língua local, já que, na época, o Colégio traduzira o catecismo da Igreja Católica em língua kikongo. Este terá sido o segundo,

já que em 1557, também pelas mãos de missionários, terá sido publicado um catecismo em kikongo (Batsíkama, 2024, p. 131).

Santos, citado por Ngaba (2012, p. 118), afirma que até ao princípio do Séc. XVIII, o ensino científico geral e técnico no Kongo estava nas mãos dos missionários católicos, sem que, no entanto, uma concorrência significativa se implantasse. Foi a partir de Mbanza Kongo que a educação formal, tanto no seu aspecto geral, bem como no técnico, se espalhou pelo resto do território que hoje se chama Angola.

Tipo de educação formal desenvolvida em mbanza kongo, capital do reino do kongo

As primeiras escolas a serem fundadas em Mbanza Kongo foram as escolas primárias elementares, que no dizer de Gonçalves, citado por Ngaba (2012, p. 118), teriam mesmo sido as primeiras escolas formais na África Negra, ou seja, na África ao sul do Saara. Não se sabe como elas eram geridas. Sabe-se apenas que primeiramente o foco estava no ensino geral, leccionando cadeiras de língua portuguesa, latim, história e matemática. Ngaba (2012, p. 118) afirma que a partir dessas escolas se pode falar da existência de um sistema de ensino formal em Mbanza Kongo, embora não tanto no sentido rigoroso do termo. Mas, foi ganhando forma, sobretudo, com a acção dos jesuítas, em 1625, se terá consolidado.

Não são muito claros os registos sobre a existência do ensino técnico-profissional já no início do sistema do ensino formal em Mbanza Kongo. Mas é sabido que Nzinga-a-Nkuvu teria recebido de Portugal, em 1491, mestres de ofícios, sobretudo de pedreira, de ferragem e carpintaria para instruírem jovens nessas áreas (Gabriel, 1978, p. 56) e os teriam instruído em escolas técnico-profissionais, fundadas para o efeito.

Ngaba (2017, p. 149), embora reconheça assumir um certo risco, pela ambiguidade que a realidade pode acarretar, corrobora com Zau et al (2007) apontando a escola-oficina missionária criada no reino do Kongo, em 1491, como a provável primeira instituição de ensino técnico-profissional em Mbanza Kongo e, por conseguinte, em Angola, ou melhor, na África negra. Esta escola, segundo Zau et al (2007) e Couceiro (1948, pp. 209-212) era reservada aos konguenses e formava em ofícios como pedreiro, sapateiro, ferreiro, alfaiate, correiro, entre outros:

[...], já no reino do Kongo, em 1491, tinha sido fundada uma escola-oficina missionária, independentemente do facto de ser muito rudimentar. Contudo, deverá ter sido esta a primeira instituição de ensino profissional, que há memória antes da colonização, propriamente dita, e 11 anos após o contacto entre portugueses e africanos naquele reino (Zau et al, 2007, p. 63).

Com isto concluímos que, pelo menos, o ensino formal em Mbanza Kongo, já nesse tempo de 1491, tinha um sistema que abrangia o subsistema do ensino geral (ensino de língua portuguesa, letras, latim, história e matemática) e o subsistema do ensino técnico-profissional (pedreira, carpintaria, sapataria, ferreira, alfaiate, entre outras), ou melhor, são as denominadas escolas-oficinas.

O referido sistema de ensino possuía uma relativa organização digna de realce e muito cedo não se resumia apenas ao ensino elementar. É o que transparece numa das cartas de Mvemba-Nzinga que pedia ao Rei de Portugal três ou quatro bons mestres de gramática para darem continuidade ao ensino já principiado, ou seja, dar continuidade ao ensino elementar (Santos, 1998, p. 13).

O Rei de Portugal que, segundo Santos, estava informado de que o seu homólogo Konguense e sua gente dava muita importância a actividade instrutora na região e as suas escolas funcionavam regularmente, no envio desses mestres, numa carta, recomendava-os que vivessem uma disciplina e costumes próprios de bons mestres, caso contrário, seriam devolvidos a Portugal; que se tomasse conta das raparigas, instalando-as em casas de formação próprias, correspondendo ao costume dos povos europeus; finalmente, que as classes não fossem muito numerosas, para que cada aluno pudesse receber um ensino eficiente e mais personalizado nas matérias frequentadas (Santos, 1998, p. 13).

Vantagens da cooperação educacional entre reino do kongo e portugal no desenvolvimento de mbanza kongo, capital do reino do kongo

Tanto Nzinga-a-Nkuvu, bem como Mvemba-Nzinga (reis do Kongo), primaram pela cooperação entre o Reino do Kongo e o de Portugal, tentando buscar nela vantagens igualitárias. Essa cooperação esteve ancorada em dois focos: religião e educação, duas realidades que na época andavam sempre juntas. De realçar que, fruto dessa cooperação, o sistema do ensino no Kongo ficou nas mãos da Igreja Católica. Como é evidente, a aposta na educação formal trouxe para o Kongo muitas vantagens que o colocaram em patamares igualitários ou mesmo superiores a de outros reinos ou Estados do mundo.

A chegada a Mbanza Kongo de vários mestres de diferentes ofícios, entre os quais, pedreiros, carpinteiros e ferreiros para a construção de infraestruturas e ensinar em escolas-oficinas, em termos gerais, fez com que essa cidade tivesse muitos outros mestres em ofícios técnico-profissionais, embora nem sempre de boa qualidade, como reconhece Gabriel (1978).

Sobre o trabalho feito por estes técnicos-profissionais na construção de infraestruturas, vemos hoje as actuais ruínas da Sé Catedral de Mbanza Kongo, o antigo palácio dos reis do Kongo que é o actual museu do Kongo, entre outras. As escavações arqueológicas feitas recentemente em Mbanza kongo revelaram vestígios de infraestruturas “modernas” que sugerem terem sido erguidas, ou pelo menos, sob orientação desses mestres e técnico-profissionais. São infraestruturas que colocaram o Kongo no patamar de outros reinos ou Estados desenvolvidos da época. Estas infraestruturas de pedra e cal diferenciavam-se das construções ligeiras locais que eram de barro, com cobertura de capim, diz Gabriel (1978), ou de pau-a-pique, diz Máximo (2016, p. 83), citando Villlas.

Por um lado, o desenvolvimento de uma rede escolar para a educação formal em Mbanza Kongo, fruto da vinda desses mestres a esse território e do regresso de Portugal dos primeiros Konguenses aí formados, trouxe também inúmeras vantagens a Mbanza kongo, capital do reino do Kongo. As escolas gerais que ensinavam a língua portuguesa, latim, geografia, matemática e artes, introduziram o Reino do Kongo na cultura global da época. Isto, também, por si só trouxe outras vantagens. A título de exemplo, Kongo entrou na cultura política da diplomacia global, tendo feito embaixadores de carreira, enviado uns à Portugal, ao Vaticano, e outros aos Países Baixos (Gabriel, 1978). Desenvolveu a sua diplomacia em língua portuguesa, latina e “castelhana” (Elísio, 2025) que serviram de veículo para a sua entrada e afirmação na cultura global da diplomacia, em moldes modernos.

12

Por outro, a educação formal desenvolvida no Kongo e para os konguenses resultou ao longo da época na feitura de grandes figuras que hoje são mundialmente reconhecidas: é o caso de Dom Pedro de Sousa, primo de Mvemba-Nzinga, embaixador do Kongo em Portugal; António Manuel Nsaku Ne Vunda, Negrita, embaixador do Kongo no Vaticano, “o primeiro embaixador da África junto da Santa Sé” e o “segundo não-europeu” (Araújo, 2025); Dom Henrique, filho de Mvemba-Nzinga, primeiro Bispo negro da história do sul da África subsaariana; este formado em Portugal pelos padres Loios (Saccardo, 1982, p. 34).

Kongo também teve outras figuras relevantes, embora hoje remetidas ao anonimato, como o caso de alguns sacerdotes konguenses formados com Dom Henriques, pelas mãos dos padres Loios, em Portugal (Gabriel, 1978). Estes, nem sequer são conhecidos nominalmente, mas fizeram parte da elite culta Konguesa.

Um dado curioso, digno de realce: um sobrinho de Mvemba-Nzinga, chamado Dom Afonso, que também tivera sido cogitado para Bispo, mas sem sucesso, chegou a ser mestre-escola em Lisboa, em 1533, com o seu devido alvará régio (Gabriel, 1991, p. 41)⁹. Provavelmente terá sido o primeiro mestre-escola negro em Portugal.

Por fim, fruto desse desenvolvimento alcançado em várias vertentes, sobretudo, na religiosa e cultural, a cidade de Mbanza Kongo foi elevada pelo Vaticano a Sede Diocesana, com a criação da Diocese do Kongo e Angola, pela Bula papal “Super specula militantis Ecclesiae” do Papa Clemente VIII, a 20 de maio de 1596 (Gabriel, 1978, p. 84)¹⁰.

A cooperação entre Kongo e Portugal, com enfoque na educação formal, demonstra o quão é valioso o intercâmbio horizontal (paritário) entre os povos. Importa dizer que essa cooperação decorreria num clima de relações de amizade entre os dois povos, longe da ocupação colonial que posteriormente ocorrera, a qual nós todos lamentamos. Eram relações de igualdade, reciprocidade, ajuda mútua, sobretudo, de amizade entre os dois povos, Kongo e Portugal (Zau et al, 2007, p. 30; Máximo, 2016, p. 75). É uma cooperação que começara logo nos primeiros contactos, demonstrando também o quão hospitaleiro era o povo Kongo, que desde a primeira hora, acolheu o estrangeiro e soube ultrapassar os obstáculos do conviver com o diferente, valorizando, acima de tudo, o intercâmbio mútuo, a aliança entre os dois povos. Um texto do historiador português Gaspar Ribeiro do Couto Villas a que Máximo (2016, p. 82) teve acesso diz o seguinte:

(...) o Congo representava organização superior durando havia cerca de duzentos e cinquenta anos, à chegada dos Portugueses. O gentio [Konguense] era dotado de qualidades (...) nas relações com estranhos (...) na tendência para aceitarem inovações como se dava com a nossa chegada.

Este valor prevalece até hoje nesse povo e tem servido de alavanca de, pelo menos em Angola, haver um número significativo de bakongo dedicados a carreira diplomática nos seus altos graus: ministros de relações exteriores e embaixadores. Enfim, Mbanza Kongo, no dizer de muitos é “um lugar exemplar de harmonia entre os povos que ali se encontraram – africanos e europeus” (Máximo, 2026, p. 8)

⁹ Segundo Saccardo (1982, p. 35), o rei também terá pedido que seu sobrinho D. Afonso, professor de Humanidades em Portugal, fosse consagrado sacerdote e enviado de volta ao Congo, para se preparar para ser bispo auxiliar de D. Henrique, mas sem sucesso. Gabriel (1978) afirma que Dom Afonso nem sequer se deixou ordenar sacerdote.

¹⁰ Lemos, citado por Máximo (2016, pp. 81-82) coloca o declínio desse desenvolvimento na invasão dos jagas (ou seja, nas guerras), tendo sido fatal para o império Konguense que, mesmo com o auxílio dos portugueses, não se reconstruiu inteiramente, tendo ficado em ruínas boa parte da sua capital, e a sua infraestrutura reduzida ao Kulumbimbi, cemitério e o palácio dos reis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Mbanza Kongo, capital do antigo Reino do Kongo, ainda decorrem escavações arqueológicas que visam a elevar a cidade, na sua totalidade, à património mundial. Actualmente, apenas o seu centro histórico é património mundial, fruto dos vestígios históricos materiais que ele alberga.

Este artigo científico pretendeu enfatizar que, por detrás dos seus vestígios históricos materiais, Mbanza Kongo, a capital do Reino do Kongo, possui também uma história milenar e rica de simbolismos, crenças e sacralidades que por si só pode justificar a sua elevação, na sua totalidade, a património mundial. O início da educação formal em Mbanza Kongo, sendo mesmo o seu berço, em Angola e noutros países que compõem a região Kongo, faz parte dessa milenar e rica história.

O desenvolvimento da educação formal em Mbanza Kongo, que resultou na criação do primeiro sistema de ensino formal (na Angola actual), abrangendo o subsistema de ensino geral (primário elementar) e técnico-profissional (escolas-oficinas), pelas mãos dos missionários portugueses, a pedido dos reis Nzinga-a-Nkuvu e Mvemba-Nzinga, está muito ligado à modernização do antigo Reino do Kongo (sobretudo de Mbanza Kongo, sua capital, nos aspectos religioso, cultural, político, social e económico) que o colocou ao lado de muitos outros reinos e Estados europeus, paritariamente. Mbanza Kongo, capital do antigo reino do Kongo, recebeu as primeiras escolas formais do reino Kongo e os reis Nzinga-a-Nkuvu e Mvemba-Nzinga foram os pioneiros e os principais protagonistas dessas escolas. Em face a isto, ficam-nos os desafios de, como investigadores e amantes da história do antigo reino do Kongo, em geral, e de Mbanza Kongo, em particular, continuarmos a desenvolver estudos sobre a história do início e do desenvolvimento da educação formal nesse território; a divulgarmos, a valorizarmos essa história como património imaterial do Kongo, ou melhor, dos países que compõem a região do antigo Kongo (Angola, Congo Democrático, Congo Brazaville e Gabão).

Para perpetuar os seus nomes e legados, as figuras konguenses que estiveram por detrás do início e desenvolvimento do sistema de educação formal no antigo reino do Kongo, ao longo de séculos, os seus primeiros frutos, sejam tidas em conta nos topónimos de escolas, tanto primárias, secundárias, superiores ou universidades, não só em Angola, também em toda região do antigo Reino do Kongo, ou mesmo ao nível da diáspora conguese espalhada por todo o mundo. São os casos, entre outros, do Rei Nzinga-a-Nkuvu, Rei Mvemba-Nzinga, do primeiro

Bispo negro da África moderna, Dom Henrique, dos embaixadores Dom Pedro de Sousa e António Manuel Nsaku Ne Vunda (Negrita), do primeiro Mestre-escola negro em Lisboa, o konguense Dom Afonso, sobrinho de Mvemba-Nzinga. Estes são um dos primeiros símbolos da cultura Kongo no que concerne à educação formal e fazem parte da sua sacralidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, D. António Manuel Nsaku Ne Vunda: pioneiro da diplomacia africana na Santa Sé. 2025. In: www.vaticansnews.va/pt/africa/2025-07

AVELINO, Z. A carga simbólica e/ou sagrada dos vestígios históricos de Mbanza Kongo: uma oportunidade para África subsaariana. In SANTOS, D. (Org.) (2025). *Escrever Angola, diálogos multidisciplinares*. Luanda: Editora Mayamba. 2025

BATSÍKAMA, P. *Filosofia no antigo Kôngo*. Recife: EDURE. 2024

BRAZ, C. *Papel da escola na formação para a cidadania em Angola*. Luanda: Edições ECO7. 2019

COOMBS, P. *La crisis mundial de la educación. Perspectivas actuales*. Madrid: Santillana, S.A. 1985

DUFFY, B. *Análise de dados documentais*. In: BELL, J. *Como realizar um projecto de investigação*. 3.^a edição. Lisboa: GRADIVA Editora. 2004

ELÍSIO, F. António Manuel Nsaku Ne Vunda - pioneiro da diplomacia africana na Santa Sé. 2025. In: www.vaticansnews.va/pt/africa/2025-07

GABRIEL, M. *Angola, cinco séculos de cristianismo*. Braga: Editora Literal. 1978

GABRIEL, M. D. Afonso I, Rei do Congo. Um missionário leigo do século XVI. *Cucujães: secretariado nacional das comemorações dos 5 séculos*. 1991

MÁXIMO, B. P. *Um lugar entre dois mundos: paisagens de Mbanza Kongo*. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em arqueologia no museu de arqueologia e etnologia da Universidade de São Paulo para a obtenção de título de mestre em arqueologia. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2016

NGABA, A. *Políticas educativas em Angola (1975-2005). Entre o global e o local: o sistema educativo mundial*. 1.^a Edição. Mbanza Kongo: SEDIECA. 2012

NGABA, A. *Transnacionalismo e políticas educativas. O impacto do sistema educativo mundial nos sistemas educativas nacionais. O caso angolano (1975-2015)*. Tese apresentada a Universidade Católica Portuguesa para a obtenção do grau de doutor em ciências da educação. Edição on-line. 2017

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA E CONVENÇÃO DO PATRIMÓNIO MUNDIAL. Certificado de Inscrição de Mbanza Kongo, Vestígios da Capital do antigo Reino do Kongo na lista do Património da Humanidade. UNESCO. 2017

SACCARDO, G. Congo e Angola. Con la storia dell'antica missione dei cappuccini. Vol. I. Veneza: Curia Provinciale dei Cappuccini. 1982

SANTOS, M. Cultura, educação e ensino em Angola. Braga: Edição electrónica. 1998

ZAU, F. Angola: trilhos para o desenvolvimento. Lisboa: Universidade Aberta. 2002

ZAU, M. et al. Uma revolução silenciosa em Angola, o ensino técnico-profissional antes e depois da independência. Uma contribuição para a história da educação. Salvador: Aldeia Global Comunicação. 2007